Capítulo XXV — A Religião na eternidade

A Eucaristia é o paraíso da terra. A comunhão é um mistério que se realiza nas fronteiras do tempo e da eternidade; quando está à Mesa santa, o cristão se acha sob o vestíbulo da eterna Jerusalém. Que os véus eucarísticos venham a cair, e ei-lo face a face diante de Deus: sua felicidade é completa. Um dia esses véus cairão: que veremos então, que seremos? Resta-nos dizê-lo.

Depois de percorrer os sessenta séculos que nos separam do nascimento do homem, depois de seguir esse rio majestoso da religião que, descendo das alturas dos céus, leva por toda a terra o frescor, a fecundidade e a vida, depois de vê-lo em pensamento atravessar todas as idades futuras, chegamos ao limiar da eternidade. Aí se detém o tempo; aí termina tudo o que é do tempo: acontecerá o mesmo com a religião? Não; ela subsistirá quando os séculos já não forem.

De uma parte, as relações de que ela é a expressão são imutáveis como a natureza de Deus e do homem, sobre a qual estão fundadas. Um laço sagrado existirá entre Deus e o homem enquanto for verdade que Deus é o Criador e o Pai do homem, e o homem a criatura e o filho de Deus. Ora, isso será verdade pelos séculos dos séculos e além, in æternum et ultra. De outra parte, a obra da religião não é completa nos limites do tempo. Que quer essa religião de amor ao civilizar os povos, ao formá-los para a virtude, ao aliviar suas necessidades? Quer reparar pouco a pouco, a respeito de todas as gerações destinadas a passar pela terra, as funestas consequências do pecado. Quer restabelecer, tanto quanto está nela, o reinado da grande, da única Lei cujo império fez a felicidade dos dias da primitiva inocência e cuja violação inunda a terra de torrentes de crimes e de torrentes de lágrimas. Essa restauração da lei da caridade, essa reabilitação do gênero humano, não é e não pode ser senão começada na terra, lugar de combates e de provas. A perfeição, isto é, o reinado tranquilo da ordem, está reservada para a eternidade.

Quando, pois, o tempo findar, a ordem religiosa e social, as distinções de nações e de famílias, as leis, as ameaças e as promessas, as prescrições da penitência, as festas, os sacramentos, numa palavra, todo o sistema do universo, que só fora organizado para estabelecer, desenvolver e proteger a caridade durante a prova, se desvanecerá na aurora da eternidade. As mais nobres virtudes, a própria fé e a esperança, ficarão no limiar da imortal morada: só a caridade o transporá.

A razão desse glorioso privilégio é que a caridade é tudo, a alma das virtudes e como a essência das coisas: as primeiras têm nela seu mérito, e as segundas sua razão de ser. Assim, vimos que, do lado de Deus, o amor é tudo, pois criar, conservar, resgatar e glorificar é amar; do mesmo modo, do lado do homem, corresponder ao amor de Deus praticando a virtude é amar. Com efeito, todas as verdadeiras virtudes não são senão a própria caridade manifestando-se de diferentes maneiras.

Escutemos o admirável Santo Agostinho definindo todas as virtudes pelo amor.

> *Se a virtude, diz ele, nos conduz à vida bem-aventurada, afirmo que a virtude não é outra coisa senão o amor de Deus. Não hesito em definir a fé, o amor que crê; a esperança, o amor que espera; a prudência, o amor que discerne; a justiça, o amor que dá a cada um o que lhe pertence; a humildade, o amor que se abaixa; a obediência, o amor que se submete; a força, o amor que combate; e assim as demais*[1].

Daí vem que o Juiz soberano estabelecerá sua eterna sentença sobre a fidelidade ou a infidelidade à lei da caridade; de modo que a Cidade bem-aventurada só contará três espécies de habitantes: Deus, a caridade por essência; o anjo e o homem, tornados caridade. Assim se verificarão tanto a palavra da Escritura: *«Deos he caridade»*, e Deus fez o homem à sua imagem, quanto o apelo misterioso que Deus e a humanidade se dirigem continuamente desde o começo do mundo: *«E o Espirito, e a esposa dizem: Vem»*[2]. Esse apelo é a última palavra de todas as coisas, como é a palavra final do último dos livros inspirados. Quando, pela última vez, a esposa tiver dito: *«Certamente que venho logo»*, tudo estará acabado.

Nesse momento solene revelam-se, em todo o esplendor de sua luz, aos anjos e aos homens reunidos, tanto a sublime unidade do plano divino quanto a simplicidade não menos sublime da filosofia da história. Semelhante ao edifício livre de seu andaime, a caridade, desembaraçada de tudo o que fora feito para ela, mas que não era ela, aparecerá como a única lei do mundo, a alma das virtudes, o centro dos acontecimentos, como a rainha augusta de quem os séculos e os impérios foram tributários e que, sobrevivendo sozinha às ruínas do tempo, entrará triunfante na gloriosa Cidade, para ali desenvolver eternamente, sem obstáculo e sem rival, seu reinado começado desde a origem do mundo e laboriosamente continuado através dos séculos.

Apoiados na autoridade da fé e nos ensinamentos dos Padres, tentemos balbuciar algumas palavras sobre essa eternidade bem-aventurada, último benefício da religião, inefável recompensa de nossos breves sofrimentos e de nossos leves trabalhos, coroamento brilhante da obra da redenção, deliciosa explicação de todos os enigmas da vida, repouso eterno na ordem perturbada pelo pecado, restabelecida pela graça e consumada na glória.

Sendo a caridade essencialmente expansiva, derramar-se-á sobre os eleitos em torrentes de imortalidade, em torrentes de luz, em torrentes de volúpias; derramar-se-á sem outro limite senão a medida dos seres destinados a recebê-la. Ora, os seres saídos vitoriosos da prova do tempo não oferecerão nenhum obstáculo à sua ação. Essa ação incessante, eterna consistirá em continuar, elevando-os à sua mais alta potência, os três benefícios começados no tempo: a criação, a conservação e a redenção, reunidos então num só, a glorificação.

Glorificação de Deus criador, conservador e redentor, conhecido e amado como tal;

Glorificação das criaturas, restauradas, embelezadas e imortalizadas[3];

Glorificação do homem aperfeiçoado em seu corpo e em sua alma, em cada órgão de seu corpo e em cada faculdade de sua alma.

Todas essas coisas se realizarão pelo amor. Ar, fogo, luz, o amor penetrará tudo, embelezará tudo, assimilará tudo, transformará tudo, a ponto de tornar-nos semelhantes a Deus e participantes de sua natureza[4]; e não é tudo: a ponto de consumar-nos num só com Deus, sem alterar contudo a distinção dos seres.

Ora, o amor é a vida. O céu, onde o amor reinará em toda a plenitude de seu poder, será, pois, um oceano de vida, a vida em sua acepção mais elevada, vida das criaturas e vida do homem, vida do corpo e dos sentidos, vida da alma, da inteligência e do coração, vida com todos os gozos que lhe dão valor, com a plena segurança que faz o encanto dos gozos, vida perto da qual todas as vidas daqui de baixo não são mais que uma mors vitalis, como diz Santo Agostinho.

Amar para viver e viver para amar: se é isso todo o homem, o céu é, pois, para o homem a felicidade completa. Além disso, coisa pouco notada, embora muito notável, o céu deve ser, e é realmente, o único desejo do homem aqui embaixo, e isso desde a origem do mundo. Depois como antes de sua queda, que faz ele, com efeito, nesta terra de exílio? Faz hoje o que fazia ontem, o que fará amanhã, uma só coisa: criado para a felicidade, gravita incessantemente, irresistivelmente para seu fim, como a agulha imantada para o polo, como tudo na natureza para seu centro. Do berço ao túmulo, esse ser infeliz procura sua libertação do mal; esse rei destronado procura seu trono; esse deus decaído lembra-se dos céus e, impelido por uma força irresistível, vai pedindo o céu, isto é, a felicidade, a tudo o que encontra.

Pedi-lhe que vos diga a última palavra de seus labores, de suas preocupações, de suas agitações, de seus sacrifícios, de suas virtudes, de seus crimes mesmo; sempre e em toda parte vos responderá: a felicidade, isto é, o céu. Desde há seis mil anos que respira no globo, nada pôde deter ou retardar esse movimento impetuoso que o impele para a felicidade, isto é, sempre para o céu. Ao contrário, quanto mais envelhece, mais seu ardor se torna devorador; pois quanto mais se afasta, corrompendo-se, do verdadeiro céu, mais redobra os esforços para achar o céu imaginário que suas paixões sonharam. Por que essas montanhas de ruínas de que juncou a terra, sobretudo desde há quatro séculos? Por que essas convulsões inauditas, essas revoluções sem cessar renascentes que só desembocam em amargos desenganos, sem jamais cansar seu obstinado desejo de felicidade? Qual é a última palavra de todas essas coisas? A felicidade, o céu, que o homem mendiga a tudo o que supõe capaz de lha dar.

Desejos legítimos, mas esforços supérfluos! Se deseja o céu, deseja-o mal, ou antes, põe o céu onde ele não está; e é essa uma terrível consequência de sua degradação. Dir-se-ia uma criança grande que, posta à beira de um lago tranquilo, avista de repente, no espelho das águas, a imagem da lua. Toma-a pelo próprio astro e, em seu erro, lança-se ao lago, e a imagem se quebra, e quanto mais se agita para apanhá-la, menos a alcança; e tudo o que tira de seus penosos esforços é a fadiga, o desespero, a morte em meio às ondas. Criança grande, levanta, pois, a cabeça e não procures a teus pés o que está acima de ti; o que persegues não é senão a imagem da felicidade. Com teus olhos marejados de lágrimas, ao menos uma vez olha o céu, a pátria da felicidade verdadeira. Com sua mão maternal, a religião vai tentar levantar uma ponta do véu que

lhe esconde os ofuscantes esplendores e as inefáveis delícias.

Notas

[1] Quod si virtus ad beatam vitam nos ducit, nihil omnino esse virtutem affirmaverim, nisi summum amorem Dei... Sic etiam definiri non dubitem, ut temperantia sit amor integrum se præbens ei quod amatur ; fortitudo, amor facile tolerans omnia propter quod amatur, etc., etc. — De Morib. Eccl. Cath., c. XV, n. 25, edit. novis. ; id. Enarrat. in Ps. XXXI, n. 5, 6, et passim ; id. São Francisco de Sales, Esprit, part. VII, sect. XXI ; id. São Tomás, II, 2, q. XXIII, art. 6, 7, 8, etc.

[2] Spiritus et sponsa dicunt : Veni... etiam venio cito. — Ap, cap. ult., v. 17 e 20.

[3] Resurrexit in Christo mundus, resurrexit in eo cœlum, resurrexit in eo terra. Erit enim cœlum novum et terra nova. — Santo Ambrósio, Lib. de Resurrect.

[4] Jo 17, 23.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:39 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:39 by Admin